

OS LUSÍADAS NAS ENCRUZILHADAS DO TEMPO

Maria Helena Paiva

Os Lusíadas oferecem uma ampla área de indagação sobre o devir da língua portuguesa, principalmente quando na obra se repercute a intercepção de planos que, por um lado, decorre da relação entre homem, língua e sociedade e que, por outro, deriva da interdependência do linguístico e do literário e ilustra a elucidação recíproca que entre as duas abordagens pode haver. Nesta óptica, há três constelações de perguntas que se impõem.

A primeira questão centra-se na definição das coincidências e dos contrastes entre a língua d' *Os Lusíadas* e a língua culta não literária; como os traços seleccionados deverão ser gerais, a resposta a esta pergunta constitui o ponto de apoio da segunda: como participa o poema na vaga de relatinização: com que gama de matizes, e como se articula essa diversidade de matizes com a dimensão literária e com a amplitude desse movimento? As respostas a estas duas perguntas fornecem a base à terceira: qual a repercussão d' *Os Lusíadas* na língua portuguesa?

É sobre a primeira questão que reflectimos nesta comunicação.

Há um problema prévio que condiciona todas as respostas e que por isso não pode ser ignorado: o da genuinidade do texto do poema.

As primeiras referências à existência de variantes textuais n' *Os Lusíadas* encontram-se na edição comentada do poema que Manuel de Faria e Sousa publica em 1639, em que selecciona criticamente a variante julgada preferível, a partir do cotejo de versões impressas com a data de 1572, uma das quais considera “o original”, umas vezes corrigido, outras vezes alterado no que virá a considerar uma segunda edição na publicação póstuma, em 1685, das *Rimas Várias*.¹ Entre as diferenças constatadas merece destaque, pelo carácter identificador que lhe será posteriormente atribuído, a que afecta o sétimo verso da primeira estância - “E entre gente remota edificaram” - que, introduzindo a copulativa “e”, é considerada a correcção de “Entre gente remota edificaram”, que criava um erro sintáctico, uma vez que fechava uma unidade que deveria manter-se aberta até aos últimos dois versos da segunda estrofe: “Cantando espalharei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte”.

¹ A história textológica das edições d' *Os Lusíadas* é muito esclarecedoramente traçada por Aguiar e Silva, 2004, cujas informações sintetizamos principalmente em relação a Faria e Sousa (p. IX- XII) e ao Morgado de Mateus (p. XX-XX).

O segundo momento decisivo para a elucidação da génese do texto é o da publicação em Paris, em 1817, da edição do poema por José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Mateus, que observa um número importante de diferenças tipográficas entre edições datadas de 1572, das quais a que viria a divulgar-se como identificadora se encontrava na xilogravura da página de rosto que apresentava um pelicano com a cabeça, num caso, voltada para a esquerda na perspectiva do observador e no outro para a direita.

Retendo apenas o período já contemporâneo desta longa história, entre hipóteses e afirmações peremptórias, considerou-se que, com a mesma data, houve uma edição genuína e outra fraudulenta, ou uma edição com erros que outra edição corrigiu, tendo-se tornado dominante o juízo de que a edição fidedigna era a que apresentava como traços simultâneos o pelicano com a cabeça voltada para a esquerda e o sétimo verso da primeira estância começando por “E entre”, motivo por que esta suposta edição foi conhecida como edição “Ee”.

Deve contudo destacar-se, como premissa decisiva, o facto de haver exemplares que apresentavam alternância destes dois traços e de outros cujo inventário omitimos, o que é uma consequência de não terem existido duas edições em 1572, mas vários *estados* de uma mesma edição, entendendo-se por *estado* o resultado de haver correcções que eram feitas após a composição, mas quando a impressão tinha já sido iniciada; a necessidade de tirar o máximo partido da prensa levava a que, concluída a impressão de uma forma, que constava de vários fólhos, fosse tirada uma primeira prova, que era corrigida enquanto a prensa continuava a reproduzir o texto não corrigido; feitas as emendas, a impressão continuava, agora com o texto corrigido. Havia, por isso, fólhos impressos não corrigidos e fólhos impressos corrigidos, que eram agrupados indistintamente no mesmo exemplar.

Há muito que era ponto assente que não havia, neste período da história da imprensa, dois exemplares iguais, e daí a obrigatoriedade de indicar, devidamente identificado, o exemplar que serviu de base a uma edição. Se me é permitido citar-me, eu própria constatei, e referi o facto, que dos dois exemplares, existentes em Portugal, da *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, publicada em Lisboa em 1540 por Luís Rodrigues, no exemplar da Biblioteca da Ajuda (cota 50-VII-45) são corrigidos erros presentes no exemplar da Biblioteca Municipal de Évora (cota Res. XVI-6 111), e que a correcção é feita por forma, sendo que, de acordo com o formato, cada forma reúne quatro fólhos não consecutivos. (Paiva, 2002: I, 47-48, 58-59).

A elucidação da questão recebe um contributo importante quando Kenneth David Jackson, da Universidade de Yale, selecciona oito variantes e analisa a sua distribuição pelos 34 exemplares conhecidos d’*Os Lusíadas*, dos quais 29, pertencentes a 8 países, são reunidos por sua iniciativa num CD-ROM, publicado em 2003; a introdução, da sua autoria e disponível na Internet, sintetiza a diacronia da problemática e dá notícia da pesquisa desenvolvida pelo Autor que, embora não es-

tabeleça relações determinantes entre o modo de produção e o produto da imprensa quincentista nem pratique o cotejo exaustivo de exemplares, criou as condições para que esse trabalho fosse possível².

Sendo assim, todas as referências linguísticas são colhidas num único exemplar; e como a indagação que é objecto desta comunicação incide no léxico e assenta no *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, de António Geraldo da Cunha (1980), todas as citações são colhidas nas concordâncias que o *Índice* facultou ou no *fac-simile* incluso na obra, que reproduz “um exemplar fac-similado da edição de 1572 (Edição *Ee*), publicado pela Livraria Lello & Irmão Editores, do Porto” (p. X), com a data de 1939, que figura entre os exemplares estudados por Jackson, que o caracteriza relativamente às oito variantes sistematicamente exploradas (2004: 25-34).

Uma segunda e última questão terá de ser previamente abordada, porque afecta tudo quanto a seguir se dirá: será necessário ter em conta que, se Luís de Camões nasceu por volta de 1524, à data de publicação do poema é um homem maduro de cerca de 48 anos, cujo comportamento linguístico apresenta com certeza gradações relativamente ao que no seu tempo se encontra em movimento: é previsível que hábitos linguísticos consolidados pelos seus 25 anos – e está-se então por volta de 1550 – se mantenham face a inovações em fase de expansão ou já relativamente generalizadas. É também de esperar que a consciência da variação e da mudança não atinja igualmente os diversos planos da língua: ela é provavelmente mais forte ao nível do léxico que aos níveis fonológico e sintáctico. Finalmente, a par da variação e da mudança que se processam sem que o locutor-escrevente dela se aperceba, mas que a língua em acto que é a do poema, acusa, há que considerar os aspectos sobre os quais se projectam juízos de valor manifestados no âmbito da comunidade e que dificilmente o poeta poderá ignorar.

A caracterização linguística de um texto só é possível por referência à sincronia em que se insere; por isso, a projecção da nossa competência linguística de

² “Luís de Camões e a Primeira Edição d’*Os Lusíadas*. 1572. Uma introdução ao CD-ROM.” Yale University, 2003 (Também em versão inglesa). Das oito variantes seleccionadas (p. 26-27), que incluem “O pelicano virado à esquerda ou à direita do leitor” e “A leitura ‘E’ ou ‘Ee’ na sétima linha da primeira estrofe”, oferecem particular interesse para o linguista mas também para o esclarecimento dos papéis desempenhados pelos diversos intervenientes na produção do texto impresso, o estudo da distribuição das variantes “A terminação ‘ão’ ou ‘am’ no sétimo e oitavo versos da primeira estrofe” e “O título ‘SEPTIMO’ ou ‘SETIMO’ nas folhas 114, 116, 118 [...]”, a primeira porque implica concepções de escrita diferentes que podem repercutir-se com homogeneidade no mesmo fôlio, a segunda porque reflecte diferentes correntes face a relatinização, correntes estas que podem constituir coordenadas de fragmentação reconhecíveis.

hoje sobre um texto de quinhentos não permite avaliar o que nesse texto reflecte usos então vigentes, nem o grau de rejeição ou aceitação de inovações então em fase de expansão, muito menos o que, num criador literário, é também criação linguística.

Seleccionado o traço linguístico considerado pertinente para situar *Os Lusíadas* no tempo, praticou-se o inventário exaustivo da sua representação no poema e procurou-se situá-lo por referência (contrastante ou coincidente) com o português padrão contemporâneo e com o português quinhentista, no registo culto não literário representado no *corpus* metalinguístico coevo³ que cobre o período compreendido entre 1536 e 1606. A leitura do poema permitiu a inserção em contexto dos factos retidos.

Um dos traços que chama a atenção do leitor actual de textos quinhentistas é a frequência com que surgem vocábulos que apresentam duas variantes, uma com *a-* inicial, outra começada em consoante, como *abastar* – *bastar*, *arruído* – *ruído*. O fenómeno atinge principalmente verbos e substantivos, mas afecta várias outras classes de palavras: preposições como *té* – *até*; advérbios como *hi* – *ai*, *inda* – *ainda*, adjectivos como *arreceso* – *receso*.

Fenómenos de natureza muito diversa estão na origem da constituição destes pares; assim, e sem preocupação de exaustividade, pode tratar-se de um fenómeno fonético: como assinala Leite de Vasconcellos, ainda no início do século XX, no plano dialectal “a prótese de um *a*” é “um fenómeno muito frequente na linguagem de todo o país, por ex. *alembrar*, *arrã* (rã), *alinterna* (lanterna), *arreceber* (receber) (sobretudo antes de *l* e *r*)”. ([1901] 1970: 102). Em substantivos de origem árabe, as variantes resultam da aglutinação ou não do artigo *al*, reduzido a *a* por assimilação da consoante final à consoante inicial da palavra-base, como em *azarção* ~ *zarcão* ou em *atambor* ~ *tambor*. Dentro do português, em substantivos femininos, pode tratar-se da aglutinação ou não do artigo; por exemplo: *ametade* ~ *metade*. Mas, a meu ver, o principal factor, nesta época, é a colisão entre três tipos de associação derivacional no âmbito do verbo: 1º: a derivação imediata, para usar o termo de Menendez Pidal ([1904] 1980: 324), como de *murcho*, *murchar*, documentado no séc. XV, ou de *muro*, *murar* (também documentado no séc. XV); 2º: a criação do que se tem designado tradicionalmente de parassintéticos verbais com base substantiva ou adjectiva: de *joelho*, *ajoelhar*, de *brando*, *abrandar*; 3º: a existência de postverbais como *queixa* (séc. XIV) de *queixar* (formação assim identificada por Rodrigues 2001: 227), a que se aplica o processo de criação de parassintéticos anteriormente referidos do tipo de *a* + *núcleo nominal* + *suffixos*

³ Cf. Paiva, 2002. Foram principalmente úteis o Vol. III, *Índice Geral de Vocábulos* e o vol. IV, *Conclusões*.

da flexão verbal⁴. Embora todos estes fenómenos não sejam indiferentes ao devir linguístico, designadamente porque a ausência de conteúdo desse *a-* inicial é um factor de instabilidade, os últimos factores parecem de maior peso no período quinhentista em que o fenómeno afecta principalmente verbos e vocábulos da área lexical dos verbos. Finalmente, e embora seja tema para outros estudos, o processo de relatinização em curso nesta época pode, pelo menos em alguns casos, ter determinado a preferência por formas mais próximas das existentes no latim clássico, sem um elemento inicial que se afigura espúrio a quem considera, como Barros e Leão, que uma língua é tanto mais perfeita quanto mais semelhante for ao latim: o facto de *mostrar*, ou *voar*, se associarem transparentemente a MONSTRĀRE ou VŌLARE nobilita-as por oposição às formas correspondentes com *a-*.

A variação assumiu maiores proporções no português medieval, mas subsiste no século XVI e está documentada n' *Os Lusíadas*⁵ como o atesta o quadro *A- Ins-tável*.

Cabe avaliar, em primeiro lugar, da validade da comparação.

A vantagem da extensão da documentação no tempo é que o facto permite compreender como se passa da variação à definição de tendências, mesmo quando estas são lentas e não se apresentam consumadas no período em estudo; os inconvenientes da utilização de um *corpus* não constituído especificamente para esta pesquisa⁶ são o facto de ele compreender duas sincronias, a primeira compreendida entre 1536 e 1540, tratada exaustivamente e compreendendo 73,1 % do total, e a segunda reunindo obras publicadas em 1574, 1576 e 1606, tratada por amostra aleatória de ¼ de cada obra e consistindo em 26,8% do total das 65766 ocorrências do *corpus*. Sendo *Os Lusíadas* publicados em 1572, justamente no período vazio em que não são publicadas obras metalinguísticas, pode considerar-se válido o testemunho das obras de 1574 e 1576, publicadas respectivamente 2 e 4 anos depois d' *Os Lusíadas*, visto que se trata de factos de permanência ou mudança não operados por decreto. Parece menos seguro o testemunho da obra de 1606, do mesmo autor da obra de 1576; este testemunho não é descurado, mas é necessário ter sempre em conta a respectiva data.

⁴ Para uma abordagem teórica da questão, veja-se Rio-Torto, 1998 a); das diversas interpretações que analisa, prendem-se directamente com o tema aqui estudado as formações do tipo *aclarar* (p. 300-315) e *murar* (p. 315-323). A discussão do estatuto destes verbos é retomada em Rio-Torto 1998 b). Um amplo e esclarecedor panorama descritivo de conjunto é traçado por Rodrigues 2001.

⁵ O interesse da diacronia para a elucidação das importantes questões teóricas suscitadas pela formação de palavras é sublinhado por Rio-Torto, 1998 a): 304-305 e por Rodrigues, 2001, em vários passos da obra.

⁶ Ver, no fim do texto, *Descrição do corpus*.

Não menos importante que as datas de publicação, é a relação entre as idades: João de Barros, nascido cerca de 1496 é 28 anos mais velho que Camões, Fernão d'Oliveira, nascido em 1507, tem mais 17 anos e Pêro de Magalhães de Gândavo, cuja data de nascimento se desconhece teve relações pessoais com o poeta e pertenceria talvez à mesma geração (Moura, 2000). Duarte Nunes de Leão, nascido em 1530, tem apenas mais seis anos e é assim, de todos os gramáticos, aquele que, no plano do tempo, se sabe ser mais próximo do autor d' *Os Lusíadas*, facto este que restringe a falibilidade, anteriormente referida, do testemunho da *Origem* [...] (1606) ou, pelo menos, o matiza.

O segundo aspecto a ter em conta é o das diferenças resultantes da especificidade dos discursos: por um lado, o discurso gramatical, de carácter didáctico e generalizante ou abstractizante, embora não homogéneo e incluindo gradações e fragmentos de outros tipos de discurso, mas sendo fortemente condicionado por restrições inerentes aos temas e à atitude. Por outro lado, não apenas o discurso poético, mas o de um poema épico. Acontece porém que um primeiro exame de conjunto revelou um fundo geral de identidades sobre o qual se destacam diferenças, tornando-se patente o teor densamente informativo dessa gama de relações.

A primeira referência a este tipo de variação encontra-se em Fernão d'Oliveira, que dá notícia da extensão do fenómeno e lhe avalia a legitimidade⁷:

este averbio [...] [ou seja, *até*], alghūs o pronunção cõforme ao costume da nossa língua que he amiga d'abri"la boca: & danlhe aquella letra .a. que digo no começo: mas outros lhe tirão esse .a. & não dizẽ ate: mas dizẽ te não mais [,] começãdo em .t. Antre os quaes eu contarey tres não de pouco respeito na nossa lingua: antes se há de fazer muyta conta do costume de seu falar & são estes. Garcia de Resende em cujas obras o eu li no Cancioneyro portugues que elle ajuntou e ajudou. E Joam de Barros ao qual eu vi afirmar que isto lhe parecia bem: & a mestre Baltasar com o qual falando lhe ouvi assi pronunciar este averbio que digo sem .a., no começo & com tudo a mi me parece o contrayro: & ao contrairo o uso dandolhe .a. no começo: assi como damos a muitas dições segundo o que fica dito. (OGR 47 12-25)

João de Barros não ignora o facto (tanto mais que Oliveira o cita) mas, menos interessado na variação, apresenta-o como ilustração do que considera um tipo de "barbarismo":

⁷ Nas transcrições do *corpus* que inserimos nesta comunicação, aligeirámos os critérios adoptados nas pré-edições. O duplo apóstrofo em *d''abri"la* indica que foram separadas formas reunidas na edição *princeps*.

Prosthesis, que ę a primeira espęcia, quę dizer, acrecętamento: comętese este vicio quando se acrecęta algũa letera ou syllaba ao principio de qualquer diçã: como quãdo dizemos *a tę qui* por *tę qui*, acrescentando a letera a. (BGR 34v 2-5).

A prática linguística dos dois primeiros gramáticos harmoniza-se parcialmente com estas tomadas de posição: Oliveira usa *abastar*, *acostumado*, *acostumar*, formas tradicionais que se inserem na sua concepção de língua como património ancestral colectivo, enquanto Barros usa *bastar*, *costumado*, em consonância com a sua atitude já relatinizante, com a qual deve relacionar-se a classificação, acima transcrita, de *até*, por *té*, como barbarismo; e se, como Oliveira, Barros usa *alevantar*, é porque se trata de uma forma tradicional fortemente arraigada; mas o desfavorecimento que manifesta relativamente às formas com *a-* instável revela o reconhecimento, ainda que imperfeito, de uma tendência já em curso na primeira sincronia: *alembiar* e *amostrar* foram sem margem de dúvida formas correntes na época, e por isso figuram n' *Os Lusíadas*, mas estão ausentes do *corpus* metalinguístico, mesmo na primeira sincronia: *lembiar* e *mostrar* apresentam frequências muito claras, que provam que à data, já as variantes iniciadas por *a-* eram filtradas no discurso de tipo didáctico; ao conjunto deve acrescentar-se *aqueixar*, representado por *queixar* (e apenas com 1 oc.), ainda na primeira sincronia. A evolução em curso acentua-se na segunda sincronia: *acostumar*, *alevantar*, ou *avoiar* correspondem na segunda *costumar*, *levantar*, *voiar*.

Em 1576, 4 anos após a publicação d' *Os Lusíadas*, Duarte Nunes de Leão, na *Orthographia da Língua Portuguesa*, preconiza a eliminação da variação, por rejeição das formas iniciadas por *a-*: numa lista intitulada "Reformação de alg as palavras que a gente vulgar usa e screve mal", condena *acipreste*, *adaião*, *agabar*, *alanterna*, *apoupar*, *avoiar*, que deverão ser substituídos por *cipreste*, *deão* ou *daião*, *gabiar*, *lanterna*, *poupar*, *voiar*.

36 anos após Barros, *avoiar*, que o autor da segunda *Gramática* usou, não obstante a preferência que declara pelas formas sem *a-*, compartilha uma conotação social desfavorável com outras palavras associadas pelo mesmo traço, ainda que dispersas, porque integradas numa lista ordenada alfabeticamente.

Mas os hábitos são tenazes, e ainda que, num gramático, seja de esperar que haja, mais facilmente que num leigo, o reconhecimento duma tendência, a reacção de rejeição funciona predominantemente e vai-se ampliando palavra a palavra, e daí que Leão use *arruído* e *arrodeo*, em significativo contraste com Barros, que usa *rodeio*.

Leão comunica carácter normativo a um dos processos mediante os quais a língua supera a variação, por eliminação da forma iniciada por *a-*, quando existe total equivalência de conteúdos e de funções. Mas o processo é lento e chega aos

nossos dias: continuamos a dizer *acostumado* e *costumado*, conforme o testemunho do *Dicionário [...] da Academia das Ciências* (2001): “O rapaz era do Minho, *acostumado* ao positivismo da sua terra” (Torga, *Novos Contos da Montanha*), e “Está tão *costumado* ao café, que já nem lhe tira o sono”, agora em exemplo, o que, contrariamente a uma opinião generalizada, nos informa menos do que um excerto de um texto identificado.

Não só o processo é lento, como dele resultam assimetrias na língua: *juntar*, embora documentado no séc. XIII, não ocorre nem n’ *Os Lusíadas* nem no *corpus* metalinguístico quinhentista, onde a forma que se encontra é *ajuntar*. A variante sem *a-* elimina a concorrente, *ajuntar* desapareceu do português padrão, mas o substantivo *ajuntamento* é uma sobrevivência que subsiste desgarrada da forma geradora.

Ao integrar as formas com *a-* instável numa lista de palavras “próprias da gente vulgar”, Leão consubstancia um dos traços da linguagem popular, parcialmente conservadora por nela não se terem difundido inovações surgidas no topo da pirâmide social, que passam a integrar um modelo de boa linguagem. O esquema bipolar *não diga assim, diga antes desta outra maneira* gera a consolidação do estigma que afecta as formas condenadas, ao mesmo tempo que impõe como prestigiantes as formas preconizadas. Ao longo do tempo, aumentará o número de formas por assim dizer *depuradas* desse elemento inicial que se tornará uma marca identificadora da linguagem popular.

A repartição semântica das formas constitui a outra via de superação da variação. As palavras que no quadro *A- Instável* foram assinaladas com asterisco na coluna da esquerda distinguem-se das restantes por não se integrarem em simples pares diferenciados apenas no plano da forma pela presença / ausência de um *a-inicial* ; as duas formas podem estar documentadas, como acontece com *arruído* – *ruído*, mas uma delas tem conteúdo diferente: *arruído* ocorre uma única vez, mas tem o sentido de ‘tumulto’: “Fingirão entre a gente hum *arroido* (X 117)⁸, enquanto *ruído* (2 oc.) tem o sentido actual: “Em pedaços a fazem, com *ruído*” (VI 71), “Onde o violento fogo, com *ruído*” (X, 70). Neste caso *arroido* extingue-se e são outros lexemas que passam a veicular esse conteúdo. No caso de *aperceber*, a forma correspondente sem *a-* não está documentada; *aperceber* tem o sentido de ‘preparar-se’: assim, em referência aos doze de Inglaterra: “*Apercebem-se* os doze em tempo breve” (VI, 52); mas em *apercebido* (11 oc.) está já presente o

⁸ Nas transcrições d’*Os Lusíadas* seguimos o texto inserto em Cunha 1980, excepto: a) substituímos os grafemas <u> e <i>, quando representam consoantes, respectivamente por <v> e <j> (*breue* → *breve*, *iugo* → *jugo*) e o grafema <v>, quando representa vogal, por <u> (*vso* → *uso*); b) quando o uso da acentuação gráfica foi indispensável, adoptámos as convenções actualmente vigentes.

sentido de ‘avistado’, “Tantas vezes a morte *apercebida*” (I 106); quando *perceber*, não documentado nestes textos, se difunde, o conteúdo de ‘preparar-se’ passa predominantemente a ser expresso por outros lexemas e *aperceber* ou *aperceber-se e perceber* passam a situar-se reciprocamente numa relação de proximidade, na esfera da apreensão intelectual, mas de distinção de conteúdos, apoiada em diferentes estatutos sintácticos.

Assentar, *assentar-se* exprime o conteúdo que hoje exprimimos por *sentar*, *sentar-se* ou seja ‘colocar (-se) em ângulo recto ou aproximado em cadeira, ou outro objecto com a mesma função de apoio ao tronco’: “Mais abaixo os menores se *assentavam*” (I 23); “Que diante lhe acena que se *assente*.” (VII 58); idem, o participio passado: “Os outros deuses todos *assentados*” (I 23). O sentido de ‘ter como base’ está documentado no participio passado: “o templo / Que nas praias do mar está *assentado*” (IV 87) e no verbo o de ‘declarar como firme’ (fala Vénus): “Faça-se como Baco determina, / *Assentarey* em fim que fuy mofina.” (II 39). Como participio passado, *sentar* figura já n’ *Os Lusíadas*: “As mulheres queimadas vem encima / Dos vagarosos bois, ali *sentadas*” (V 63), “*Sentado* o Gama junto ao rico leito” (VII 59); o sentido é o actual e a palavra especializa-se com esse conteúdo, mantendo-se *assentar* no português padrão nas outras acepções.

Procuraremos agora caracterizar o panorama de conjunto da língua d’ *Os Lusíadas*, distinguindo diversos tipos de distribuição das variantes, assinalados agora por cores diferentes no Quadro *A- Instável*, onde foram reunidas as variantes que ocorrem no poema, mas também o único representante da dualidade virtual, sempre que este está documentado no *corpus* metalinguístico ou existe no português padrão contemporâneo. Constituíram-se duas colunas: a da esquerda agrupa as formas com *a- inicial*, a da direita as formas sem esse elemento. Cada coluna subdivide-se em três: sub-lemma, número de ocorrências n’ *Os Lusíadas* (LUS) e no *corpus* metalinguístico quinhentista (MTL).

A- INSTÁVEL					
+A-	LUS	MTL	-A-	LUS	MTL
Abastar vb	2	7:O	bastar vb	3	13:B:12 LRI:1
			Cf. bastante aj e av	6	5:B:4 LRI:1
acostumado pp e aj	3	5:O	costumado aj e pp	7	5:B:4 LRI:1
acostumar vb		5:O:5	costumar vb	5	5:G:3,LRT:1,LRI:1
Ajuntar vb	22	88			
Cf. ajuntado pp e aj	3	-			
Cf. ajuntamento st	9	29			
alembrear vb	1		lembrar vb	3	22:36-06
			Cf. lembrança st	1	6:B:4 LRI:2
alevantar vb	30	4:O:2 B:2	levantar vb	18	1:LRT
alimpar vb	4	1:LRI			
amostrar vb	10		mostrar vb	77	31:36-06
			Cf. mostra st	10	2:B:1 LRI:1
*aperceber vb	4				
Cf. apercebido pp e aj	11				
aqueixar vb	2		queixar vb		1:O
			Cf. queixume st	1	
arrecear vb	6		recear vb		1:LRI
arreceoso aj	1		receoso aj	1	1:LRI
			receio st	10	1:LRI
arrenegado st	2				
arrenegar vb	1				
arroteo st		2: LRT:1; LRI:1	rodeo/rodeio st	3	17:B
*arruído st	1	1:LRT	ruido st	2	
*assentado pp e aj	4	2:O	sentado pp e aj	2	
assentar vb	9	3:36-06			
Cf. assento s	17				
[assente aj] (1)	1	1:LRI]			
assoprar vb	7	1:O	soprar vb	1	
Assopro vb	7		sopro	2	
atambor st	2				
avovar vb		4: B:3; [LRT:1] (2)	Voar vb	21	4 :O:2 LRT:2 (3)

Legenda :

* = Repartição semântica atestada

36-06 = Na col. *MTL*: em todo o *corpus*, desde *OGR*











(1536) a *LRI* (1606)

(1) *LRI* - “Assente por repousado”: “PLB”

(2) *LRT* - *Avovar*: “VLG”

(3) *LRT* - *Voar*: PCN – 1 oc.

A análise permite distinguir as áreas onde a variação não existe ainda (1), aquelas em que o jogo de variantes está documentado (2) e finalmente aquelas em que só uma variante subsiste (3).

- 1.** **N' *Os Lusíadas* ocorre só a forma iniciada por a-, única existente no corpus de referência**
- 1.1.  É o caso de *ajuntar* e de *aperceber* ; no *corpus metalinguístico*, cujo testemunho pode considerar-se probante neste aspecto, as formas *juntar* e *perceber* não ocorrem, o que indica que, na época, elas não se encontravam divulgadas; mas no particípio passado de *aperceber* está já documentada a aceção de 'avistar'.
- 1.2.  *Alimpar* apresenta uma única ocorrência no *cp*, o que, dadas as restrições temáticas e discursivas, é menos elucidativo do que no caso anterior.
- 1.3.  *Assentar* inclui ainda o sentido de 'sentar', visto que a forma sem *a-* não ocorre senão no particípio passado /adjectivo.
- 1.4.  Não só o número de ocorrências é baixo, mas nenhuma das variantes está atestada no *corpus*.; o facto é contudo imputável a restrições inerentes ao discurso gramatical:
arrenegado, arrenegar, atambor.
- 2.** **A variação ou a forma sem a- estão atestadas no corpus de referência**
- 2.1.  Mas n' *Os Lusíadas* ocorrem apenas as variantes com *a-*, embora as frequências baixas do *cp*. possam ser insuficientemente informativas:
aqueixar, mas não *queixar*
arrecear, mas não *recear*
- 2.2.  Existe variação, com predomínio da forma com *a-*, mas o *cp* não é, nestes casos, informativo:
assoprar ~ *soprar*
assopro ~ *sopro*
- 2.3.  As duas variantes ocorrem, em casos em que só a variante sem *a-* está documentada no *cp*., mas a variante com *a-* não é dominante :
alembrar ~ *lembrar*
amostrar ~ *mostrar*
arreceoso ~ *receoso*
- 2.4.  As duas variantes ocorrem, em paralelismo com o testemunho do *cp*.:
abastar ~ *bastar*
acostumado ~ *costumado*
alevantar ~ *levantar*
- 2.5.  As duas variantes revelam tendência a especialização semântica:
**arruído* pode não ser sinónimo de *ruído*, *sentado* absorve parte dos conteúdos anteriormente expressos por **assentado*, conteúdos que se tornam privativos desta forma.
- 3.** **A variação, atestada no corpus de referência, não ocorre n' *Os Lusíadas*, onde se encontra apenas a forma sem a-**
-  Assim: *costumar* e não *acostumar* ~ *costumar*
rodeo e não *arrodeo* ~ *rodeo*
voar e não *avoar* ~ *voar*.
Além de que a *arrecear* ~ *recear*, *arreceoso* ~ *receoso*, passa a corresponder unicamente *receio*.

Concluindo

A língua tende a eliminar a variação ou a dela tirar partido, mas a variação é inerente à língua em acto; uma parte desta variação afecta os elementos que se mantêm latentes no sistema virtual presente na mente dos falantes, quer individualmente, quer no todo da comunidade linguística. A evolução analisada é extremamente lenta e não se encontra plenamente consumada ainda nos nossos dias. No século XVI, ela avança palavra a palavra, sendo duvidoso que os locutores comuns tenham consciência de que se trata de uma tendência e não de factos isolados.

Em comparação com o *corpus metalinguístico* quinhentista, *Os Lusíadas* apresentam uma maior amplitude de variação, facto este que não pode deixar de merecer destaque, não só porque a extensão do texto é menor⁹, mas também porque a um único texto, de um só autor, produzido num segmento temporal curto, correspondem oito textos (integral ou parcialmente tratados), quatro autores e um período de setenta anos.

Matizam o significado deste contraste factores a que se aludiu anteriormente: n' *Os Lusíadas*, o carácter literário do texto, a abertura do leque temático que inclui situações extremamente variadas que exigem a selecção de recursos lexicais de uma grande latitude, a pluralidade de vozes e de tons; no *corpus metalinguístico*, as restrições que impendem sobre a construção dos textos e que vão da atitude aos temas e à geral homogeneidade do registo.

Tendo em conta que, na linha contínua do tempo em que se inscreve a mudança em curso, o pólo que se prende ao passado é o das formas com *a-* e o pólo que se liga ao futuro é o das formas sem esse elemento, constata-se que a língua d' *Os Lusíadas* se caracteriza por ultrapassar, quer a montante, quer a jusante, a imagem da língua quinhentista que emana do *corpus metalinguístico* coevo. O facto é tanto mais relevante quanto, a montante (como foi dito anteriormente), sendo Camões 28 anos mais novo que Barros e 17 anos mais novo que Oliveira, se o factor determinante fosse o tempo, o pólo conservador deveria apresentar-se mais rarefeito; simetricamente, a jusante, sendo Camões aproximadamente da mesma idade de Gândavo e seis anos mais velho que Leão, o pólo inovador deveria apresentar menor densidade. Mas a questão não depende apenas do tempo.

A montante, no pólo tradicional, conservador, as formas começadas em *a-* (à excepção, provavelmente, de *avoar*), não devem apresentar-se a Camões com cariz popular, visto que as usa em alguns casos (e daí a existência de afinidades com

⁹ Baseámo-nos na informação, colhida em Cunha, 1980 (p. X) de que o poema tem 8 816 versos; estabelecida aleatoriamente a média de ocorrências por verso, como sendo de 6,3, o número presumível de ocorrências d' *Os Lusíadas* andarà por 55 540.

Oliveira): *abastar*, *acostumado*, *assoprar*. Mesmo se o testemunho do *corpus* de referência parece falível quando a observação comparativa se faz palavra a palavra, à excepção de *aperceber*, que é um caso especial, o panorama de conjunto revela uma maior densidade de formas tradicionais, como o comprova, no quadro sobre *a-instável*, na coluna + *A-*, o número de casas preenchidas na coluna d’*Os Lusíadas*, a que correspondem casas vazias na coluna referente ao *corpus metalinguístico*.

Mas também a jusante, no pólo inovador ou mais moderno, já coincidente com o português padrão contemporâneo, a língua d’*Os Lusíadas* ultrapassa a deriva que o *corpus* de referência atesta e que se tornará dominante: contrariamente ao *corpus* metalinguístico, em que as duas variantes estão documentadas, só ocorre n’*Os Lusíadas* a variante sem *a-*: *costumar*, *rodeio*, *voar* acusam a dinâmica já antecipada em *receio*.

São muitos os indícios de que uma das áreas em que a mudança por eliminação de *a-* começa a dar-se é a da expressão de conteúdos mais gerais e mais abstractos e em associação com realidades tidas por elevadas e dignificantes, enquanto as formas iniciadas por *a-* tendem a manter-se ligadas a realidades concretas e restritas que se inserem na esfera do quotidiano e do trivial.

É certo que questões rítmicas ou métricas (mas são numerosos os casos de sinalefa) podem projectar-se neste tipo de variação. Contudo, o exame dos contextos de *amostrar* (10 oc.) e de *mostrar* (77) – e lembremos que *amostrar* já não ocorre no *corpus* de referência – indicia que cada variante é o fulcro de associações distintas: I 87 – “Nam soffre muito a gente generosa / Andar-lhe os cães os dentes *amostrando*” : *amostrar* aponta predominantemente para o acto de tornar patente à vista, implica o gesto de ostensão, a *déixis* básica, enquanto que *mostrar*, se necessariamente veicula conteúdos antes expressos por *amostrar*, uma vez que a forma está a cair em desuso, exprime predominantemente conteúdos relativos ao intelecto, à capacidade de fazer intuir, de revelar para convencer. Daí o interesse da concordância de *mostrar*, de que cito apenas a zona compacta dos versos II 10 a II 31:

II 10 [fala-se de Baco] : “Com rosto humano e hábito fingido / *Mostrando-se* cristão”

II 14 “A quem se o Rei *mostrou* sincero amigo”

II 23 [suj: as formigas] “Ali *mostram* vigor nunca esperado”

II 31 “Bem nos *mostra* a divina Providência / Destes portos, a pouca segurança”.

Também a inserção em contexto das ocorrências de *alevantar* (30) e *levantar* (18) revela que a distribuição das variantes não é simplesmente probabilística.

A situação mais definida é aquela em que há exclusividade de acepções ou de combinações das variantes.

Assim, o sentido de ‘estar, apresentar-se [algo elevado] à vista’ só está documentado com *alevantar-se*: “Olha em Ceilão, que o monte *se alevanta*” (X 136),

“Logo os montes da Nimpha sepultada / Pyrene *se alevantão* (III, 16), “Pelos arcos reaes, que cento & cento / Nos ares *se alevantão* nobremente” (III, 63).

Mas principalmente há associações verbais em que só uma das variantes ocorre, o que fornece indícios sobre factores favoráveis à obstaculização ou à expansão da mudança, sendo previsível que o antigo propicie a selecção do mais antigo e o recente atraia o mais recente.

Assim, a selecção da forma mais antiga é constante em “*alevantar por rei / capitão*” (III 86, IV 2, IV 18; I, 26), mas não é provavelmente ocasional que seja a forma mais recente que se encontra em “*levantar os ânimos*” (III 46, X 146), se tivermos em conta que *ânimo* é um latinismo só documentado no séc. XV (Paiva 2002, IV p.40), que se mantém sem dúvida como termo culto. Não obstante alguma falibilidade na datação das primeiras ocorrências e alguma dificuldade em captar matizes semânticos ou inerentes ao âmbito de emprego, devem ser ponderadas hipóteses sobre as identidades que determinam associações, por exemplo, em “*levantar o cerco*” (III 36, VIII 14), ou opções: a acepção de ‘começar a manifestar-se, com ou sem intensificação do processo’ está documentada nas duas variantes - “A grita *se alevanta* ao Ceo” (II 91), “*Levantão* nisto os perros o alarido” (III 48) – mas *voz* só ocorre com a variante tradicional: “hũa minina [...] a *voz alevantou*” (IV 3), “Mas um velho daspeito venerando / [...] A *voz* pesada hum pouco *alevantando*” (IV 94), “Dizia a Ninfa, & a *voz alevantava*” (X 39).

Quando não existe exclusividade, o exame dos dois conjuntos de ocorrências revela que diverge a tonalidade de cada um: em *alevantar* predominam as acepções que exprimem a ideia de movimento accionado pelo corpo ou implicando o próprio corpo (“A viseira do elmo de diamante / *Alevantando* um pouco” (I 37); “*Alevantando* o rosto” (III 30); “o colo *alevantado*” (III 108), mas também a expressão do envolvimento emotivo que acompanha a maldição (“Que se daqui escapar, que lá diante / Vá cair onde nunca se *alevante*” (I 83) e a profecia (Ver, anteriormente, *alevantar a voz*) ou se amalgama ao episódio de Inês de Castro (“Que furor consentiu, que a espada fina, / Que pôde sustentar o grande peso / Do furor mouro, fosse *alevantada*, / Contra hũa fraca dama delicada?” (III 123); “Pera o ceo cristalino *alevantando*, / Com lagrimas os olhos piedosos” (III, 125). Carregada da densidade vivencial que o tempo foi acumulando, não admira que, no mesmo episódio, a ela se associe *amostrar*: “Contra hũa dama, ó peitos carneiros, / Feros vos *amostrais*, & cavaleiros? (III 130).

Em contraste, *levantar* apresenta uma redução do espectro semântico, que não decorre apenas da diminuição do número de ocorrências, mas de uma concentração em sentidos translatos ou metafóricos (Cf. os casos, anteriormente citados, de *levantar o ânimo* e de *levantar o cerco*); mas sobretudo aumenta a proporção de ocorrências que se situam na esfera, anteriormente referida, da expressão aspectual simultaneamente incoativa e progressiva: *levantam-se* “o fogo” (I 89),

“um vaporzinho” (V 19), “o canto” (VI 77), “o alarido” (I 35), “o tumulto” (III 48) “[a] discórdia” (6 44).

Em síntese:

Os Lusíadas constituem um testemunho de primeira importância sobre uma mudança em curso na época. Camões não se revela apenas como um homem do seu tempo cuja linguagem reflecte a variedade padrão, sobre a qual o *corpus* metalinguístico quinhentista fornece uma informação específica ao nível da consciência, da práxis escritural e da dimensão normativa. O aumento da amplitude da variação que o texto acusa não é só inerente à diversificação dos conteúdos, à pluralidade de vozes e à policromia de cambiantes. Camões capta a gama de virtualidades evocativas distintas que emanam dos dois tipos de variantes, interioriza o pendor predominantemente conotativo ou denotativo dos dois conjuntos concorrentes, esboça ou patenteia algumas repartições semânticas, identifica a tendência que prevalecerá no futuro, e extrai, daquilo que intui na língua, consequências detectáveis no plano da criação estética.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
mhelenapaiva@netcabo.pt

Descrição do corpus

Primeira sincronia

1. Fernão d'Oliveira

Grammatica da lingoagem portugueſa (1536) – (OGR). . .23 538 oc. . . . 35,7 %

2. João de Barros

Texto contínuo da “*Cartinha*” (1539) – (BCA)

Grammatica da lingua portugueſa (1540) – (BGR)

Diálogo em louvor da nossa linguagem” (1540) - (BDL). . .24 549 oc. . . . 37,3 %

Total da primeira sincronia 48 087 oc. . . . 73,1%

Segunda sincronia

3. Pêro de Magalhães de Gândavo

Regras que ensinam a maneira de escrever e

Orthographia da lingua Portugueſa [...] (1574) – (GRE)

“*Dialogo em defenſão da lingua Portugueſa*” (1574) - (GDD). . .2 097 oc. . . 3,1%

4. Duarte Nunes de Leão

Orthographia da Lingoa Portuguesa (1576) – (LRT). 8 698 oc. . . 3,5 %

5. Duarte Nunes de Leão

Origem da Lingoa Portuguesa(1606) – (LRI). 6 684 oc. . .10,1%

Total da segunda sincronia. 17 679 oc. . . 26,8%

Total do corpus. 65 766 oc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia das Ciências de Lisboa, 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Verbo.
- Cunha, A. Geraldo da, 1980, *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Presença.
- Jackson, K. David, 2003, “Luís de Camões e a Primeira Edição d’*Os Lusíadas*. 1572. Uma Introdução ao CD-ROM.” Yale University [2003] / “Camões and the First Edition of The Lusiads [Os Lusíadas], 1572. Yale University: www.plcs.umassd.edu/pdfs/introcd-portuguese.pdf www.plcs.umassd.edu/pdfs/introcd-english.pdf
- Menéndez Pidal, R., [1904] 1980, *Manual de Gramática Histórica Española*, 16ª ed., Madrid, Espasa-Calpe.
- Moura, V. Graça, 2000, *Sobre Camões, Gândavo e Outras Personagens*, Porto, Campo das Letras.
- Paiva, M. H. P. Novais, 2002, *Os Gramáticos Portugueses Quinhentistas e a Fixação do Padrão Linguístico. Contribuição da Informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*. Vol. I: *Objecto e Método*; Vol II: *Pré-Edições*; Vol. III: *Índice Geral de Vocábulos, Índices Alfabéticos de Formas de Outras Línguas*; Vol. IV: *Conclusões*. Tese de doutoramento inédita. Porto, Faculdade de Letras.
- Rio-Torto, Graça M., 1998 a), “Padrões de formação de verbos em Português”, *Revista Portuguesa de Filologia*, XXII, Coimbra, p. 293-327.
- Rio-Torto, Graça M., 1998 b), “Esquemas de circunfixação em português”, *Morfologia Derivacional. Teoria e Aplicação ao Português*, Porto, Porto Editora, p. 211- 221.
- Rodrigues, A. Soares, 2001, *A Construção de Postverbais em Português*, Porto, Granito.
- Silva, V. Aguiar e, 2004, “Prefácio” a *Os Lusíadas de Luís de Camões. Fac-simile da edição princeps de Os Lusíadas, reproduzindo o exemplar pertencente à Sociedade Martins Sarmento*, Braga, Universidade do Minho, p. VII-XLV.
- Vasconcellos, J. Leite de, [1901] 1970, *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise*, 2ª ed., Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- Verdelho, T., *Índice Reverso de «Os Lusíadas»*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1981.

<i>mostrar</i> , vb. Cp. amostrar.	I.9	<i>Mostrara</i> , em quão o mar cortava a armada:	V.24
Que ja se mostra, qual na inteira idade,	I.16	Consecolhe a mostrar de rica pelle	V.28
<i>Mostra</i> o peçoço ao jugo ja inclinado:	I.19	Mando <i>mostrar</i> lhe peças mais somenos	V.29
Da branca escuma, os mares se mostravao	I.28	Se nos mostrão, que fazem que se atreua,	V.30
<i>Mostrada</i> a noua terra que deseja.	I.33	Se <i>mostra</i> hum bando negro descuberto.	V.32
Que mostravao na terra Tingitana:	I.39	Se nos mostra no ar, robusta & valida,	V.39
Que se aqui a razão se não mostrasse	I.40	Quando a terra alta se nos foy mostravao	V.61
Lhe va mostrar a terra, onde se informe	I.43	Trabalha por mostrar Vasco da Gama	V.94
Sereno o ar, & os tempos se mostravao	I.43	Falsidade, mas antes vey mostravao	VI.5
Quando o mar descobrindo lhe mostravao,	I.68	Que assi se mostra claro & radiante.	VI.9
Não mostra quanto pode, & com razão,	I.69	<i>Mostra</i> a Fortuna injusta seus poderes:	VI.15
Nas mostras, & no gesto o não mostra:	I.69	<i>Mostrar</i> mais força dimpeto cruel,	VI.74
Ato que mostrar possa o que imagina.	II.5	<i>Mostra</i> a possante nao, que moue espanto	VI.74
Porém que como a luz mostrar por onde	II.8	<i>Mostrad</i> elhe as amadas Nymphas bellas,	VI.87
Porque a boa vontade que mostra,	II.9	Que não somente a terra lhe mostravao,	VI.94
De lhe mostrarem tudo o que pediso.	II.10	Acharão, que o caminho lhe mostravao	VII.16
<i>Mostrandose</i> Christão, & fabricava	II.14	Em figuras mostravao por nobreza	VII.51
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:	II.23	Nam menos tem mostravao esforço, & manha,	VII.71
Alli mostravao vigor nunca esperada.	II.31	O licor, que Noe mostrava a gente:	VII.75
Bem nos mostra a diuina providencia,	II.34	<i>Mostrava</i> sempre ternos singulares	VII.76
Tão fermosa no gesto se mostravao,	II.38	Por elles mostra Deos milagre visto,	VIII.18
E mostravao no angelico sembrante,	II.45	O Gama que alli mostra a varia tinta,	VIII.43
Nouos mundos ao mundo yrão mostravao.	II.50	Mas ja a luz se mostrava duidosa,	VIII.44
Alli se mostravao seu preço, & sorte,	II.55	Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,	VIII.46
Lhe máda mais, que em sonhos lhe mostrasse	II.56	Tem mostravao o preceito a que obedeces	VIII.49
<i>Mostrando</i> a ruda força, que se estima.	II.65	<i>Mostrava</i> rosto Angelico & sereno,	VIII.51
Que bem mostra estimar o Sancto dia:	II.73	<i>Mostram</i> ser perdigam dos naturalis,	VIII.53
<i>Mostrava</i> dos Cyclopas o exercicio,	II.90	Me mostrar tu tão pouca confiança	VIII.66
Nos de sua companhia se mostravao,	II.99	Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,	VIII.94
Que tamanho terror em si mostravao,	III.24	<i>Mostrad</i> elhe a fermosura de Diana,	IX.26
Se mostravao nas armas singulares.	III.59	<i>Mostrando</i> as brancas vellias, & reclondas,	IX.49
E outras tantas mostrava cheio o rosto,	III.67	Abre a Romã, mostravao a rubicunda	IX.54
Desta arte Affonso subito mostravao,	III.105	Nas aluas carnos subito mostravao,	IX.59
Se esse gesto que mostra claro & lodo,	IV.3	<i>Mostrando</i> se senhora grande, & egregia.	IX.71
Como co a máy de Nino ja mostravao,	IV.61	<i>Mostrando</i> se no mar hum fero rayo,	IX.85
Por sinais muito claros se mostravao,	IV.70	Se mostravao a virtude em armas clara,	X.59
Napoles onde os fados se mostravao,		Ato que venha o tempo de mostrar se,	X.104
De mais consagração, por si mostravao		Que de seu Rey mostravao se agravao	X.131
			X.138